

Roberta Corrêa Lanzetta
Natasha do Nascimento Fontoura
Monica Marchese Swinerd

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva

INTRODUÇÃO

Atualmente, a corporeidade e a sua relação com o psiquismo se apresentam como questões relevantes a serem discutidas no âmbito da saúde, em face às repercussões de um adoecimento grave e as limitações físicas que são impostas àquele que adoce. A lógica hospitalar tende a tornar o sujeito objeto de estudo e intervenção, renegando, na maioria das vezes, a subjetividade daquele que sofre.

Faz-se necessário, então, refletir sobre o estatuto do corpo, e faremos isso à luz da teoria psicanalítica, para que se entenda a variabilidade de sentidos que surgem diante de processos de subjetivação, do corpo adoecido e fragmentado deste sujeito institucionalizado e de uma escuta possível.

Pensar sobre o corpo em psicanálise significa, ao mesmo tempo, pensar na constituição de um sujeito que está atrelado a constituição de uma imagem corporal e, nesse sentido, significa dizer que só há sujeito na relação de alteridade, ou seja, esse corpo se constitui através da nomeação do outro. Está para além do biológico, é um corpo imaginário, pulsional que confere identidade ao sujeito. É a partir desse pressuposto que podemos pensar quais os efeitos subjetivos de intervenções no corpo e suas implicações na vida de cada sujeito.

OBJETIVO DA PESQUISA

O presente trabalho surgiu a partir da experiência clínica, durante a residência multiprofissional em oncologia, no setor de Onco-Hematologia em um hospital oncológico no Rio de Janeiro. Buscamos construir uma articulação entre conceitos da teoria psicanalítica e o discurso dos pacientes em acompanhamento psicológico durante a internação hospitalar, através de suas falas, que apontam para os efeitos subjetivos das intervenções e alterações corporais impostas tanto pelo curso natural da doença quanto pelo seu tratamento.

Os trechos de relatos citados ao longo deste trabalho fazem parte da pesquisa de mestrado, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do INCA, sob o nº CAAE 497.65815.7.0000.5274.

DISCUSSÃO

No início da vida, as necessidades são orgânicas, porém, os cuidados prestados nesta fase se tornarão a base para os primeiros registros psíquicos da experiência vivida com o outro e preencherão necessidades psicológicas e emocionais, essenciais ao seu bom desenvolvimento. Para Freud, o somático e o psíquico são indissociáveis, e a elaboração do conceito de pulsão (1905) vem falar dessa relação, como uma força que impõe ao psíquico uma exigência de trabalho a partir das experiências vivenciadas no corpo. "O Eu é sobretudo um Eu corporal, mas ele não é somente um ente de superfície: é, também, ele mesmo, a projeção de uma superfície." (FREUD, 1923, p. 38)

O corpo na psicanálise é formado a partir da nomeação do outro. Em Freud, em sua formulação sobre o narcisismo (1914), e em Lacan (1936/1949), a formação do eu se dá a partir da experiência do estágio de espelho, na qual o bebê reconhece a própria imagem na relação especular. Uma imagem que se completa a partir da confirmação do Outro, tornando o corpo, que primeiramente era imaginário e pulsional, simbolizado.

Porém, as identificações que são constituídas a partir dessa experiência, se perdem no encontro com o real, quando o sujeito fala de um outro corpo, diferente do tratado pela medicina. Sendo assim, podemos pensar quais os efeitos subjetivos de intervenções no corpo e suas implicações na vida de cada sujeito, aos quais, muitas vezes resultam em uma descontinuidade na vida que se contrapõe à sensação anterior de unidade e estabilidade.

A mudança de posição que a psicanálise exige, com a sua ética em contraponto ao discurso médico, supõe um olhar que não vise apenas o corpo físico diante da doença, mas que atente para a subjetividade deste sujeito, que fala também através deste corpo pulsional, corpo da identidade do sujeito. Nossa escuta permite fazer aparecer o desejo do sujeito, ainda que se encontre ali como "paciente". " *Nunca fui uma pessoa vaidosa, e a minha relação com meu marido é de uma grande parceria. O seio não me fez falta, já não o uso mais. Usei quando precisei amamentar, agora não me incomoda em ter retirado. Mas uma outra cirurgia, na cabeça, me deixa mais triste, eu gostava muito do meu cabelo, e sei que vou ficar sem ele.*", diz O., 58 anos, submetida inicialmente a uma mastectomia devido ao câncer de mama, mas no momento se via diante de uma nova cirurgia como tratamento para a metástase cerebral. A angústia se relaciona com a imagem ideal perdida diante do real que toca seu corpo. Desta enunciação fica evidenciado que tal experiência não pode ser considerada traumática à priori, mas contingente na maneira que afetará cada sujeito

CONCLUSÃO

Baseado na escuta oferecida, temos notícias de efeitos subjetivos, no contexto do adoecimento oncológico, que, muitas vezes, diante do impossível de simbolizar, encontram recursos para elaborar os limites impostos e perdas experienciadas no tratamento. O tempo que cada sujeito necessitará para tal tarefa é singular. Sendo assim, sinalizamos a relevância de um espaço para o sujeito, que não se reduz a fazê-lo adaptar-se a uma realidade, mas antes permitir que ele fale e, ao falar, aquilo que está ainda sem representação, poderá ser tratado via simbólico, recebendo um lugar na linguagem, para que algum destino seja possível, dando um contorno àquilo que escapa ao saber médico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. *O nascimento do hospital*. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, p. 57-64, 1995.
- FREUD, Sigmund. (1923) *O Ego e o Id*. In: Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1914) *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. In: Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1905) *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. In: Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *A pulsão e suas vicissitudes* (1915). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, s/d.vol. XIV 1996.
- LACAN, J. (1949) *O estágio do espelho como formador da função do eu*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- Contato: r.lanzetta@hotmail.com, natasha_fontoura@hotmail.com, mswinerd@inca.gov.br